

Moacir disse que para melhorar a produção da batatinha agroecológica, passou a produzir biofertilizante, em 2014. E, em 2015, conseguiu através do Fundo Rotativo Solidário, um biodigestor e duas esterqueiras. Para garantir a alimentação dos animais, principalmente no período de seca, tem feito silagem. Vilma fala da importância do Fundo Rotativo para poder estruturar o arredor de casa. Disse que antes não tinha como criar as galinhas e produzir, mas hoje cada um tem o seu lugar garantido.



Em 2015, foi criada a Feira Agroecológica em Areal e botaram a casa de farinha para funcionar. Produzem goma e farinha para vender direto na feira. Para dona Vilma, é um trabalho pesado porque tem que estar fazendo isso toda semana. Mas é uma renda que somada aos outros produtos da propriedade, dá para comprar o que não conseguem produzir: açúcar, café, arroz e outros. Foi assim que ora dona Vilma, ora seu Moacir, foram falando do caminho que seguiram para estruturar sua propriedade e criar a família. Na caminhada pela propriedade, iam apresentando o que existia na sua chegada e tudo que foram fazendo durante esse tempo. É visível a mudança na paisagem da propriedade, assim como nos seus depoimentos. Pensam que ainda têm muito por fazer, e sua proposta é continuar ampliando o barreiro para melhorar o estoque de água. Hoje tem duas cisternas de 16.000 litros, uma cisterna calçadão de 52.000 litros e um barreiro. Com este estoque já garantem o consumo da casa, uma boa produção diversificada de hortaliças e água para os animais: bovinos, ovinos e aves.



## Caminhos que levaram dona Vilma e seu Moacir à transição agroecológica

Maria Vilma Felix Silva e Moacir Silva Ferreira casaram-se em 1982 e foram morar e trabalhar, em Puxinanã, numa terra de meia. Com o rendimento do primeiro ano de trabalho no roçado e do trabalho que fazia comprando e matando porco para vender, conseguiram comprar em 1983 um hectare de terra em Puxinanã. Nos 4 anos que viveram nessa terra nasceu Nielson seu primeiro filho, e Nielma nasceu em 1987, em Areal.



Em 1986, o casal conta que conseguiu vender a terra de Puxinanã e comprou duas na comunidade de Três Lagoas, em Areal-PB, onde foram morar em uma casinha que já existia. Para seu Moacir, a terra era muito fraca, com poucas árvores, sem água e não tinha condições financeiras para comprar estume para adubar. Ele começou a cavar um barreiro para juntar água, que até hoje a família continua aumentando.

Dona Vilma conta que desde pequena, nascendo os dentes, já trabalhava na agricultura com os pais, por isso, diz que não tem medo de enfrentar as dificuldades. Na época em que chegaram, tiveram que carregar água em carroça de boi emprestada, percorrendo até 5 quilômetros para encontrar.

Seu Moacir conta que devido a terra ser fraca, só plantava feijão e um pouco de milho para a alimentação da família. Para manter a família, continuavam vendendo produtos na feira de Puxinanã. Venderam geladinho, depois passou a comprar cana de açúcar e vender caldo até o ano de 2014. Durante este período, passou a diversificar o roçado com cana para vender o caldo e para facilitar o transporte chegou a comprar uma moto.

Na medida em que sobrava dinheiro da feira, Moacir e Vilma iam investindo na propriedade. Em 1987, conseguiram construir um chiqueiro para criar porcos e construíram a primeira cisterna com recursos próprios. Em 2003, conseguiram

comprar mais um hectare de terra com a ajuda financeira do filho que já estava trabalhando fora e herdaram mais um hectare da família, totalizando dessa forma, em 4 hectares de terra. Neste mesmo ano, construíram a segunda cisterna da água de beber através do Cooperar, por meio do Fundo Rotativo Solidário da comunidade, estimulado pela associação.



No período de 2004 a 2010, Moacir conta que a cultura da mandioca em Areial cresceu muito. Foi quando ele construiu uma casa de farinha na terra da família. Com rendimento da percentagem deixada pelos usuários, investiram na compra de um carro para facilitar a venda da farinha. No ano seguinte, pensando em transportar a mandioca até a casa de farinha, chegou a comprar uma caminhoneta.

A família começou a acessar o Pronaf em 2005, nesse ano para a construção de uma cocheira e compra de uns animais. Ao deixar de comercializar na feira, seu Moacir passou a ter mais tempo para investir na agricultura e começou a plantar hortaliças com a água do barreiro para vender ao PAA. Disse que já foi se animando mais com essa possibilidade da garantia da venda.

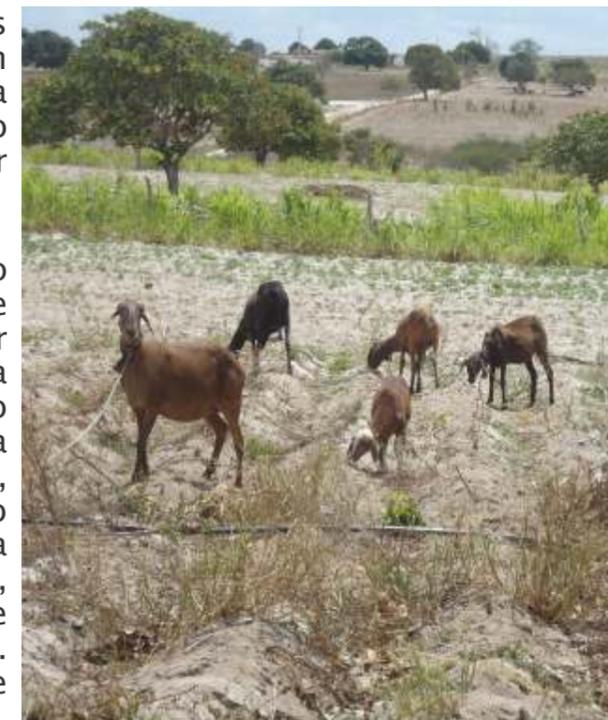
Dona Vilma relembra que o casamento da filha, em 2008, e a reforma da casa, em 2010, foram feitos com a venda de animais. Lembra ainda que neste ano, começou a participar dos Fundos Rotativos Solidários, estimulada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Areial. Começou adquirindo tela para fazer um chiqueiro para as galinhas.



Em 2011, a família fez a primeira experiência com plantio de batatinha agroecológica a convite do Sindicato e da AS-PTA e ficou muito satisfeita com o resultado. A primeira safra vendeu ao atravessador, mas a partir da segunda, em 2012, se organizou com o Sindicato e com o Polo para vender ao PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). A partir daí tomou gosto pela agricultura porque viu que a venda era garantida. De tudo que produzia, conseguia vender o excedente para o PAA. Foi depois que comecei a participar desse movimento junto ao Sindicato, Polo e AS-PTA, que passei a ser agricultor de verdade, passei a cuidar melhor da terra, disse Moacir.

Moacir lembra que, mesmo com esses últimos anos de seca, todo ano vem conseguindo colher batatinha. Trata da área da batinha com muito cuidado. Logo cedo, já começa a estrumar para esperar as chuvas e plantar.

Dona Vilma conta que a cisterna-calçadão chegou em 2012 e foi muito importante para aumentar a produção da horta e ter água para os animais. Com a água da cisterna, tem produção garantida para o ano todo. Moacir explicou como faz a gestão dessa água: usa a água da cisterna, mas faz a recarga com a água do barreiro para diminuir a evaporação. Dona Vilma conta ainda que, junto com a cisterna, recebeu o caráter produtivo: 2 ovelhas e um reprodutor e uma casinha dos animais. Disse já ter vendido vários animais e mantém 6 cabeças.



Seu Moacir conta que a partir da participação como agricultor agroecológico junto ao Sindicato e ao Polo da Borborema, muitas outras coisas foram acontecendo: recebeu mudas de plantas nativas e frutíferas para fazer uma matinha e recuperar o solo, passou a conservar melhor a terra e a fazer canteiros econômicos para produzir com pouca água. Para ampliar o barreiro, reformar a cocheira e comprar uma forrageira, fez o Pronaf C porque já não podia fazer mais o B. Tinha feito muitas vezes. Mas avalia muito bem as linhas de financiamento para a agricultura familiar.

A história não para por aqui, aos poucos vão lembrando tudo que foi acontecendo pelo caminho da vida em comum. Com os recursos que conseguiram da batinha, em 2013, a família comprou um terreno e está construindo uma casa na cidade. Mas não é para morar, é um investimento para o futuro, explica o casal.

